

cultural



REVISTA DA
APM

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Dezembro 2006 – Nº 176

Natal *(para sua ceia)*

Se alguém lhe sorri, sorria.
Acene, se alguém lhe acena.
Escute, se alguém lhe fala.
Se alguém lhe fala, responda.
Não deixe cartas em branco.
Responda aos telefonemas.
Atenda a quem bate à porta.
Receba quem o procura.

Que o mundo que o rodeia
penetre seu coração:
que as flores lhe digam coisas,
as aves em si confiem,
que as crianças o busquem,
e cada homem o veja
como se vê um irmão.

E tanto amor se irradie
à sua volta e de volta
inunde seu coração,
que cada um de seus dias,
como se fosse este dia,
reconstitua a alegria
do dia da Criação.

Benedicto Ferri de Barros

Escritor

Turma de 1956 da Faculdade de Medicina do Estado de São Paulo, no **cinquentenário de formatura**

William Saad

Caros colegas

Nós, homenageados de ontem, os homenageamos hoje. Não o fazemos apenas por uma questão de dever ou de justiça; o fazemos por uma questão também egoísta: temos satisfação ao prestar nossa homenagem.

A mim não deixa também de ser uma oportunidade, até certo ponto prazerosa, mas ao mesmo tempo angustiante, pois o evento me leva a um mergulho dentro de mim, e uma pergunta não se cala: o que teria feito há 50 anos que levou os jovens médicos de 1956 a me colocar entre os homenageados? O que fiz nesse meio século justificaria a homenagem de então? Correspondi ao que de mim se esperava? Na verdade, não importam as respostas, quaisquer que sejam. Importa, sim, é o processo de revisão, o mergulho na alma.

A vocês fico devendo mais esta façanha.

Gratidão lhes devia pela homenagem recebida no passado. Gratidão lhes devo pela oportunidade de hoje, gratidão lhes devo por esse processo de *insight*, mas gratidão maior lhes devo como membro da sociedade, pelos 50 anos de medicina exercida por vocês.

Gratidão pelo que vocês foram, têm sido, são e poderão ser. Pelo que fizeram, fazem e farão. Não apenas como cidadãos, mas sobretudo como médicos, como seres humanos que se dedicaram de corpo e alma a cuidar de seres humanos, sempre sendo humanos. Gratidão pelas noites e dias, dias e noites ao lado de seus pacientes; gratidão pelas palavras certas no momento certo, pelas atitudes corretas no momento adequado, pela restituição da alegria de viver, pelo desvelo no sofrimento, pelo consolo no momento de tristeza e, sobretudo, pelo carinho, dedicação e proteção da dignidade do ser humano.

Se, apenas como ponto de aproximação, admitirmos que cada um de vocês teria cuidado de cinco pacientes, cinco seres humanos, por dia, durante 50 anos, chega-se à cifra de mais de 10 milhões de pacientes, de seres humanos, de cujos sofrimentos vocês cuidaram, afora seus familiares, afora seus alunos, afora equipe de saúde, afora telefonemas, afora conselhos. Seriam outros tantos milhões de seres humanos com algum sofrimento.

E, por falar em sofrimento, me vem à lembrança a frase de Bertrand Russell, que, do alto de seus 98 anos de vida, em sua autobiografia, explicitou:

“Três paixões, simples mas esmagadoramente fortes, regem minha vida: o desejo de amar, a busca do conhecimento e uma pena insuportável do sofrimento da humanidade”.

Fiquemos com as três paixões do filósofo.

1ª paixão – desejo de amar.

Não existe médico sem desejo de amar. Nossa profissão se baseia no amor, na *philia* dos gregos, isto é, na amizade com amor.

Já o nosso velho Hipócrates dizia que a medicina só existe se houver *philia* entre o médico e seu paciente, ser humano – isto é, deveria sempre existir *philantropia* – neste sentido. Além disso, o médico deve amar a medicina, isto é, sua *tekné* – daí a obrigatoriedade da *philoteknia* –, amor pela técnica e arte médica.

Hipócrates, porém, ressaltava que a *philoteknia* só tem sentido se a serviço da *philia* pelo *antropos* – a *philantropia*.

Esta paixão, vocês a têm e sempre a exerceram.

2ª paixão – busca do conhecimento.

Esta paixão, para nós médicos, está embutida na *philoteknia*, é verdade. Mas ela vai mais longe e mais fundo, no caso da medicina.

De novo, a *philia*, agora pelo saber, pela *sophia* dos gregos.

Não é por acaso que a medicina surgiu nos séculos IV e V a.C., em momento de um triplo nascimento: nascimento da filosofia, da democracia e da medicina.

Segundo Jaeger, não teria existido a ética e a filosofia de Sócrates sem o modelo da medicina.

Mas, o mais importante: a *philia* pelo saber é para se atingir a filosofia em seu duplo sentido: busca do saber, mas como forma de atingir sabedoria.

E durante 50 anos vocês vêm desenvolvendo esta *philia* – *philia* pelo saber e pela sabedoria para cuidar da *philia* pelo ser humano.

3ª paixão – pena insuportável do sofrimento da humanidade, como dizia Russell.

Ora, nós, médicos, não ficamos somente na pena do sofrimento, mas, justamente, por causa da pena, cuidamos do sofrimento da humanidade e cuidamos com *philia* pelo ser humano.

Creio que não é necessário muito esforço lógico para concluir que vocês integram as três paixões entre si e vão mais longe: criam a 4ª paixão, a paixão pela vida.

Criam a ponte para a alegria da vida e pelo respeito à morte, a ponte para a libertação e para a liberdade, a ponte para o amor ao ser humano, fazendo da vida plena o bem mais valioso da humanidade, vivendo, ajudando, ensinando e aprendendo a viver.

Quando mais não seja, essas paixões, estendidas a milhões de seres humanos, justificariam a gratidão que lhes devemos.

Assim, repito, seja-nos permitido que nós, homenageados de ontem, os homenageemos hoje.

Homenagem por 50 anos de medicina forçosamente implica evocar a memória. E quando se fala de memória, a primeira coisa que vem à memória é a idéia de velhice.

Isso não deve atemorizar; primeiro, porque velhice é, até certo ponto, sinal de capacidade de sobrevivência; e segundo, porque ninguém chega a 50 anos de medicina sem atingir a sétima década de vida.

Por definição, pois, vocês estão na terceira idade, por terem, cronologicamente e inexoravelmente, ultrapassado os regulamentos 65 anos de idade.

Disse Bobbio que o tempo do velho é o passado. Será? Em parte, creio que sim, pois o velho tem memórias. Mas o próprio Bobbio reconhecia que “o grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexão sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção”.

Maravilhoso este mundo.

Aqui me atrevo a parodiar Sêneca quando diz: “podem tirar a vida a um homem; não lhe podem tirar a morte”. Eu diria que podem tirar a vida a um ser humano, não podem lhe tirar o passado e a memória de suas realizações.

Em 1956, projetos, sonhos, fantasias, desejos, planos, novas descobertas ocupavam o espaço central.

Em 2006, é o passado, consubstanciado em realizações concretas, que ocupa o espaço central.

Frustrações foram superadas, ilusões inconsistentes foram desfeitas, mas as realizações foram feitas.

Por isso tudo, olhar para o passado não é olhar para coisa inútil, descartada, perdida, mas, sim, olhar, como disse, para realizações, não importando sua classe, seu tipo ou sua repercussão.

O passado mostra o que efetivamente foi realizado e, por isso, é duradouro, é obra construída e não apenas projetada.

Assim, ter a possibilidade de olhar o passado, viver e reviver o mundo maravilhoso das memórias é um bem. Só podem usufruí-lo aqueles que têm passado, aqueles que têm 50 anos de medicina, a sustentar o que foi construído concretamente.

Mas à velhice também pertencem o presente e o futuro.

Não existe presente sem passado. Se o passado de vocês se caracterizou pela paixão pela vida acompanhada da

paixão pela sabedoria e isso, de *per se*, é uma realização do passado como bem a usufruir, o presente é o momento que foi preparado para ser usufruída a paixão pela vida, com sabedoria.

O passado é futuro realizado, vivenciado aqui e agora.

“Sem que o percebêssemos, durante os últimos vinte anos, saímos, num dado momento, da Idade Média e entramos numa nova era, ainda sem denominação.

Nossa visão de mundo mudou; adquirimos uma nova consciência e, com ela, novas capacidades. Existem agora oportunidades, riscos e desafios, bem como um novo centro espiritual da existência humana”.

Isso foi escrito por Peter Drucker em um livro intitulado *Fronteiras do amanhã*. É de 2006? Não, é de 1956.

Continua ele: “Abandonamos o mundo cartesiano; na verdade ele está se tornando quase incompreensível para nós”.

Certamente ainda não produzimos um novo Descartes, segundo Drucker.

Faço aqui um pequeno parêntese para dizer que, se para Descartes a máxima era “Penso, logo existo”, para nós, médicos, talvez a máxima devesse ser “Penso, logo o Outro existe”.

Voltando, porém, a Drucker: dizia ele, em 1956, que se previa um progresso que ele chamou de progresso inevitável, e que a mola propulsora seria a inovação, mas uma inovação dirigida e organizada.

Era isso que se previa, como fronteira do amanhã, quando vocês se formaram em 1956. E o que ocorreu? Foi apenas inovação, dirigida e organizada? Foi, a meu ver, muito mais que isso.

Não houve inovação no sentido linearmente pensado. As inovações não foram simples nem lineares, muitas (talvez a maioria) não previstas, e, sobretudo, ocorreram como parafenômenos de fenômeno mais profundo, que foram as novas Revoluções científicas.

Inovações, sim, e muitas, de conseqüências imprevisíveis e nem mesmo suspeitadas.

Mas o que houve foram cinco Revoluções científicas em um mesmo século.

A chamada Revolução científica, que podemos chamá-la de primeira ou simplesmente a Revolução, iniciou-se com Galileu no século XVI, consolidou-se com Newton no século XVIII, completando-se no século XIX.

Foram necessários três séculos para uma revolução.

No século XX, houve cinco revoluções.

Na primeira metade do século XX, tivemos a Revolução atômica, que se consolida na década de 50 (quando vocês se formaram) e ainda prossegue.

A Revolução atômica nos deu os radioisótopos, a medicina nuclear etc. E também a bomba atômica.

No início da década de 50, mais precisamente em 1953, quando Watson e Crick descrevem a dupla hélice do DNA,

inicia-se a Revolução molecular, mais precisamente a Biologia molecular, que nos deu a nova Biologia, com clonagem, reprodução assistida, engenharia genética, geneterapia, células-tronco e cujo apogeu estamos vivenciando. Esperamos que não nos dê a “bomba molecular” e, sim, fortaleça o outro fruto dessa revolução – a Bioética.

Já na década de 60 (vocês já médicos ativos) se iniciaram mais duas revoluções e que estão em andamento: a Revolução espacial, com as viagens ao espaço, abrindo novos horizontes para a humanidade e o nascimento da medicina espacial, e a outra revolução é a Revolução da comunicação, cujo emblema é a Internet e a informática médica.

Já nos últimos 25 anos (década de 70) e início deste século XXI, vocês presentes, inicia-se a Revolução da nanotecnologia, com a possibilidade de robôs medicamentosos, em dimensões de moléculas com “inteligência dirigida”.

Estas revoluções, eu as invoquei com um duplo propósito. Um deles foi procurar mostrar, como exemplo, como o passado, o presente e o futuro se articulam, e que um não existe sem o outro. O outro propósito foi mostrar, ainda que de forma simbólica e simplista, onde vocês estavam e aonde vocês chegam hoje.

Vocês estavam no olho do furacão desses acontecimentos. Vocês, direta ou indiretamente, são atores dessa peça, com cinco revoluções até agora.

Quando vocês se formaram, não havia Brasília, não ocorrera a Revolução da ditadura, não havia transplantes, não havia satélites, não havia tomografia, nem PET, não havia clonagem, não havia TV em cores etc. etc.

Isso é passado? É e não é.

A mesma coisa acontece com o chamado passado de cada um de vocês. É passado, sim, mas é um passado que está sempre presente.

E isso me lembra Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, quando diz: “a felicidade não é obra de um só dia, nem de pouco tempo, mas sim de uma vida inteira”.

Essa vida inteira pressupõe passado, presente e também futuro.

Falei até agora mais do passado e do presente. Falemos um pouco do futuro.

A velhice também tem futuro. Diriam os epicuristas: lembra-te de que ter nascido mortal e tendo recebido uma vida limitada, tu, contudo, te elevaste, graças à ciência da natureza, até a eternidade e que viste infinitas coisas, e que são e as que serão?

Sabemos e tomamos consciência maior do fato à medida que envelhecemos, que a vida é como se fora uma escada com número limitado de degraus e que, à medida que envelhecemos, restam menos degraus.

Dizem alguns, como Bobbio, que restam menos degraus para descer. Mas podemos inverter a posição da escada e dizer que restam degraus para subir.

O passado e o presente dão suporte para a subida – para o futuro.

Tomo emprestada uma frase de Ítalo Svevo em seu livro *Consciência de Zeno*, quando diz: “Talvez eu tivesse vivido todos estes anos apenas a fim de me preparar para isso”.

Isso o quê?

Cabe a cada um de vocês buscar a resposta, pensando no futuro, com seus sonhos e utopias.

Sonhos e utopias de quem caminha 50 anos tratando de gente, compartilhando alegrias e tristezas, vivenciando glórias e frustrações, fantasias e realidades, mas sempre entoando canções à paixão pela vida, à paixão pelo amor, à paixão pelo saber e pela sabedoria, à paixão de ser médico, numa ode à libertação, à felicidade e à dignidade do ser humano.

Há 50 anos, nós, os homenageados de ontem, desejávamos a vocês uma vida feliz e plena de sucesso. Hoje – e penso estar falando em nome do nosso saudoso mestre, Professor Lacaz, paraninfo da turma –, queremos prestar a nossa sincera homenagem a vocês, como já disse no início da minha fala.

Desejamos, após o transcurso de meio século, que vocês, invocando realizações já efetivadas, vivam, a cada dia, o futuro, e que este futuro corresponda às aspirações consubstanciadas à vida e à medicina.

O futuro é de vocês. Que vocês se preparem para isso.

Novamente, o que é isso?

Cabe a cada um de vocês a resposta. Mas qualquer que seja a resposta, espero que ela leve em conta o que diz Brecht no poema “Aos que vierem depois de nós”:

“E, contudo, sabemos
Que também o ódio contra a baixaza
Endurece as feições;
Que também a cólera contra a injustiça
Enrouquece a voz. Ah! Os que quisemos
Preparar terreno para a bondade
Não pudemos ser bons.
Vós, porém, quando chegar o momento
Em que o homem seja bom para o homem
Lembrai-vos de nós
Com indulgência.”

“Não podemos entrar duas vezes no mesmo rio: suas águas não são nunca as mesmas e nós não somos nunca os mesmos.”

William Saad

Médico formado em 1956 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

What is past, is prologue

Shakespeare (*The tempest*)

José Vicente Barbosa Corrêa

Ao professor Olavo Pires de Camargo
Por motivo da conquista do título de professor da Faculdade Medicina de São Paulo

Prezado amigo e agora professor

O eminente Desembargador doutor José Renato Nalini, ao tomar posse, há pouco, na Academia Paulista de História, deixava extravasar das fibras mais íntimas do seu ser aqueles sentimentos que emergiam do coração, como verdadeira profissão de fé humanística, a retratar seu caráter brioso e bem formado:

“Tenho necessidade física de dividir tudo o que me invade o coração!”

O prestigioso e culto acadêmico, de tão fina sensibilidade, ainda quis acrescentar:

“DIVIDIR EMOÇÕES integra minha vocação existencial.”

Olavo, meu irmão.

Neste vitorioso instante na sua vida profissional, acadêmica e, cabe ressaltar, também na sua vida familiar, quantas coisas belas e merecidas acreditava eu ter na cabeça, prontas para exprimi-las, em jorro, no meu nome e de minha esposa, enquanto me apressava em tomar da caneta e do papel.

O que dizer então?

Por onde começar?

Haveria de ser pelo coração!

Empacava, porém, a pena receosa. Enquanto “um branco” intelectual turvava minha mente, a mão teimava em ficar inerte. Foi quando me ocorreu valer-me da experiência

daqueles velhos escritores clássicos que se safavam de enracadas semelhantes empregando sofisticada expressão latina que, de tanto se repetir, virou lugar-comum.

Non-nova, sed nova – não coisas novas, mas com novas roupagens. Meditei, assim, que não seria desdouro para mim repetir aqui alheios pensamentos, e quis assim prosseguir nessa linha, posto que o jurista citado estava dizendo melhor do que a minha pena prosaica seria capaz – e, com exatidão, o sentido de “dividir emoções”.

Mas não era o suficiente. A verdadeira mensagem de espiritualidade que desejava lhe servir como homenagem, na bandeja da amizade, seria preciso ir buscá-la mais alto e mais além, na fulguração do poeta, como só ele soube sentir e cristalizar. Meu caro Olavo, no sucesso de hoje, lembremo-nos juntos do verso inspirado.

“Valeu a pena?”

Tudo vale a pena

Quando a alma não é pequena!”

Sabe o novo mestre que, para os psicólogos, o caráter do homem começa a se formar nos primeiros anos da infância e se completa na primeira juventude. Por isso que o professor Flávio, seu saudoso pai, atibaiano de escol, despachado, mas autêntico e de ágil raciocínio, nos muitos ensinamentos e exemplos que certamente ajudaram a plasmar sua personalidade, ensinava, como ouvimos repetidas vezes, que “a criança que leva pela primeira vez a lancheira para a escola, para se iniciar na luta pelos conhecimentos, se almejar alcançar a cultura universitária e humanística, se compromete irremediavelmente e para sempre com uma vida de estudos, que não tem mais fim!”. Aos preciosos exemplos paternos, que o levavam, com certeza, para a emulação de



um dia também ser professor, ao estudo e perseverança que o menino Olavo soube captar, é justo se afirmar que, no plasmar, então, do seu caráter, permaneceram indelévels as marcas da mão maternal, carinhosa e sustentadora da preclara dama paulista que foi dona Neusa, a quem prestamos merecidíssimas homenagens.

Com os anos, chegaram, depois, os risonhos dias de formação médica. Tempos em que o velho mestre Flamínio Fávero, imbuído do profundo espírito religioso, conclamava aos jovens discípulos de várias gerações que não esquecessem, mas sempre repetissem a velha prece:

“Bendita a escola que nos armou cavaleiros desse ministério samaritano.”

Para o coração do estudante Olavo esta oração remanescente tinha um nome: E.P.M.!

Carlos da Silva Lacaz, competente cronista da História da Medicina Paulista, ao ponderar com brilhantismo sobre o primeiro aforismo hipocrático (“A arte é longa, a vida é breve”), escrevia: “Para dominar a arte e acrescentar-lhe ao patrimônio humano alguma coisa, é necessário, antes de tudo, que a brevidade da vida se multiplique no trabalho, se enrijeça nos anos, se ilumine no ideal e se retempere na luta”.

E para realçar o pensamento, é outra vez dum poeta que nos socorremos:

“As coisas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e fadiga.”
(Camões)

Para o novo membro da Congregação, fluente e versado em inglês, trago do grande bardo da época Elizabetiana: “What is past, is prologue”, verso que se complementa no raciocínio: porque estamos numa grande peça em que o passado é prólogo e o futuro depende de nós.

Professor Olavo Pires de Camargo, agora iniciado já no seletto convívio da nobre Congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo, é lícito por direito ao novel mestre repetir, daqui para diante, o gesto de um dos seus mais ilustres pares, o insigne sábio Almeida Prado, antecessor seu que, sentado naquele sodalício, pôde escrever: “Fechando os olhos revia a velha Congregação com a nitidez das cenas gravadas para sempre na memória. Parados no tempo, almas estuantes de antigos entusiasmos, com o mesmo ar de um antigo tempo, mestres da Escola de Medicina e Cirurgia,

registrados com biótipos físicos e morais, numa página que ficará como nítido retrato”.

Olavo, amigo – que só a amizade autoriza esta intimidade –, a partir de 18 de outubro de 2006, pela láurea outorgada pela Universidade de São Paulo, você estará, por sua vez, a reviver o sonho de Almeida Prado.

Eu o vi chegar ao I.O.T. tímido, quase menino, para iniciar uma brilhante carreira universitária, galgada passo a passo pela residência; como assistente; no pronto-socorro; nos grupos especializados, de onde surge o *expert* consagrado no estudo dos tumores ósseos; e enfronhando-se, por vários anos, nas árduas tarefas pedagógicas do ensino da graduação e da pós-graduação médica, ensinando aos jovens médicos a linguagem da ciência, sem despi-la da sensibilidade humanista; como doutor e livre-docente; no freqüentar com assiduidade os congressos nacionais e internacionais; enriquecendo seu currículo com publicações de conteúdo e profundidade.

Quando chegar este momento, poderia ser eu o porta-voz que lhe vá indagar o que viu nesta sua visão da velha Congregação, e pedindo que nos traduza o significado do pensamento de Coelho Neto:

“Só há um meio de viver no passado e no futuro
– é guardar lembranças e sonhos!”

Testemunha, que tenho sido, desta sua vida vitoriosa, vida vivida em abundância intelectual e espiritual, ousou analisá-la e diagnosticá-la. Só se consegue atingir este patamar devalgar, aos poucos, com o tempo, com esforço e com amor – quando a voz que se ouve em torno de nós exclama: “Eu vi – eis um humanista!”

O lado jocoso do professor Jairo Ramos

Jorge Michalany

O professor Jairo Ramos, de quem fui aluno, era conhecido não apenas por sua capacidade como clínico, mas também por ser um médico muito humano e jocoso.

Honorários grátis

Certa vez, o professor Jairo Ramos foi atender a um chamado, sendo recebido por uma senhora idosa, velha dama paulista.

– Sabe, doutor Jairo, meu filho [um solteirão] está com uma tosse danada e não quer tomar o xarope caseiro que eu faço. Foi por isso que o chamei, a fim de que o senhor force-o a tomar o meu xarope.

Jairo sorriu, fez um pormenorizado exame no doente, receitou, mas fez a seguinte recomendação:

– Olhe, você vai tomar esses remédios, mas é indispensável que também tome o xarope que sua mãe faz. Sem xarope os remédios não farão efeito.

A senhora, então, falou ao professor Jairo:

– Doutor, muito obrigada pela sua cooperação. Quanto lhe devo?

– Nada, porque não cobro de colega! – disse Jairo ao se retirar.

Presunção

Certo dia, foi visitar a enfermaria do professor Jairo Ramos um colega de turma que, depois de algum tempo, resolveu abandonar a medicina para criar gado. Mas, palpiteiro como ele só, quis fazer algumas críticas à organização da enfermaria.

E Jairo ouvindo...

Lá pelas tantas, quando o colega já havia mudado de assunto, Jairo perguntou-lhe:

– Mas, diga uma coisa, que espécie de gado você cria?

– Zebu.

– E você não cruza o zebu com outro gado?

– Não, só com zebu mesmo.

– Mas eu acho que você teria um gado melhor se cruzasse um touro zebu com uma vaca jersey...

– Mas Jairo, isso não é possível, porque nem daria para um bruto zebu cobrir uma vaquinha jersey!

– Ah, é?! Pois eu acho que dá!

– Olhe, Jairo, quer saber de uma coisa? Você pode entender de medicina, mas de gado não entende nada!

– Pois é aí que eu queria chegar! E de enfermaria é você que não entende nada! Portanto, deixe de dar palpíte!

Cerveja Caracu

O doutor Miguel Scavone, colega de turma do professor Jairo, foi consultá-lo por causa de um distúrbio gástrico. Disse que sentia uma dor que, curiosamente, só passava quando tomava cerveja Caracu, pois outras marcas não faziam efeito.

Nesse momento, Jairo deixou a escrivania para dirigir-se à outra sala. Scavone, curioso, resolveu olhar o que Jairo anotara na ficha. Estava escrito que a dor só passava com cerveja Caracu e, entre parênteses, constava: “desculpa de bêbado”!

Jorge Michalany
Professor de Medicina

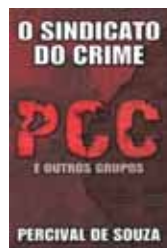
Analogias em Medicina (n.12)

Maçã mordida no cólon – O exame contrastado do intestino grosso (enema opaco), tanto pela técnica de enchimento como pela de duplo contraste (técnica de Welin), é muito importante na propedêutica dos tumores colônicos, indicando defeitos de enchimento e alterações do padrão mucoso.

Uma das apresentações típicas de câncer de intestino grosso, infelizmente já avançado, é o defeito de enchimento comparado ao aspecto de *maçã mordida* (em inglês, *apple-core lesion*). É costume popular segurar a maçã pelas extremidades e, girando-a, comê-la na parte central, deixando apenas o “miolo” com algumas irregularidades resultantes das mordidas e pequena porção da polpa nas pontas. O adenocarcinoma, principalmente ao nível do retossigmóide, tende a infiltrar circularmente toda a parede colônica, provocando retração e fibrose do segmento e conseqüente redução da luz – carcinoma estenosante –, o que explica, ao enema baritado, a imagem de estreitamento anular com alteração do relevo mucoso. Empregam-se também, com equivalente valor diagnóstico, as expressões *lesão em carretel* e *imagem em anel ou argola de guardanapo*, pois ambas traduzem o mesmo quadro anátomo-radiológico.

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais



O sindicato do crime – PCC e outros grupos

Percival de Souza

Um assunto no calor da hora: violência. Em todo o país, o crime está agindo de forma mais ampla. Ganha força e espaço. Poder, organização, interfaces e integração. “A mãe-prisão gerou o PCC, com todos os vícios, regras particulares de comportamento, senso ético à margem da lei, alvos a serem atingidos a qualquer preço, a banalização da vida”, escreve Percival de Souza nessas páginas que documentam, provam, entrevistam, denunciam, exibem, revelam e trazem à tona o que muitos pretendiam que ficasse encoberto.

Nesta obra, o autor, um ícone do jornalismo investigativo e policial, faz um raio-X completo do PCC e de outras organizações criminosas. Especialista em segurança pública e em criminalidade, Percival de Souza mostra as origens dessas organizações, suas motivações, comandos e seus militantes. Trata-se de um mundo corporativo que funciona como uma empresa moderna: há desde organogramas e planejamentos estratégicos ao marketing, logística e objetivo da eficiência para gerar o terror.

Curiosidades editoriais

Fernando José da Costa acaba de lançar o livro *Direito penal*, pela Editora Atlas, São Paulo. A curiosidade é que, para prefaciar a obra, foi convidado um dos maiores criminalistas do Brasil de todos os tempos, Paulo José da Costa Jr., pai do autor. Ora, sendo o pai um grande jurista – mais de 70 livros publicados, glória viva do Direito brasileiro e internacional (professor na Universidade de Roma e das Arcadas Franciscanas) –, como ocultar possíveis peca-dinhos nos quais o autor, seu filho, pudesse ter incorrido ou sublimar lacunas e deficiências doutrinárias, se existentes, sem comprometer o exemplo de pai e de pessoa, o senso de justiça e a sua credibilidade perante os que lhe dedicam confiança, fundados em décadas e décadas de ensino, formando gerações e gerações de jovens, e no exercício da profissão, acusando, defendendo, apontando erros, sem desviar do caminho da distribuição do justo? Como elogiar o próprio filho, que é sempre um momento de amor, da esfera do sentimento, a qual predispõe, inconscientemente, a dar até o imerecido?

Mas tudo se resolveu de modo exemplar, muito distinto e adequado. Lindo prefácio, livro excelente, no qual as virtudes e os merecimentos abundam. Estilo simples, direto, explicativo, didático. Quantas surpresas agradáveis! A bem ver, aqui se confirma aquele antigo dito popular: “Filho de peixe peixinho é”.

Fernando José da Costa é advogado criminalista e professor de Direito Penal da Fundação Armando Álvares Penteado e de Direito Ambiental da Escola Superior de Advocacia. É mestre em Direito Penal pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil e seu vice-presidente (na Comissão de Meio Ambiente), bem como conselheiro do Club Athletico Paulistano, entre outros títulos. Recomenda-se a leitura.

Guido Arturo Palomba

Coordenador do Suplemento Cultural

Feliz Natal

Tal como a chama da vela que balouça, tremula, oscila, enfraquece, quase se apaga, mas, em seguida, reaviva-se forte e rutilante... assim também o NATAL volta e vem, com a força do seu simbolismo, lembrar e interagir, em nós, a sacrossanta NATIVIDADE DE JESUS!

Retorna para aflorar sentimentos de mansuetude e generosidades que habitam, prisioneiros, em nossos corações, fruto das rupturas sociais, dos rancores, da rudeza e do agreste do relacionamento humano.

Chega para evocar o instante de pacificar conflitos, pedir desculpas, remir queixas, esbanjar sorrisos e abraços!

Vem reacender a flama de nossa crença nas virtudes e santidades cristãs, no esmorecido amor ou na esquecida amizade!

Afinal, são dádivas e benesses que Jesus nos ofereceu com seu exemplo de vida e sacrifício!

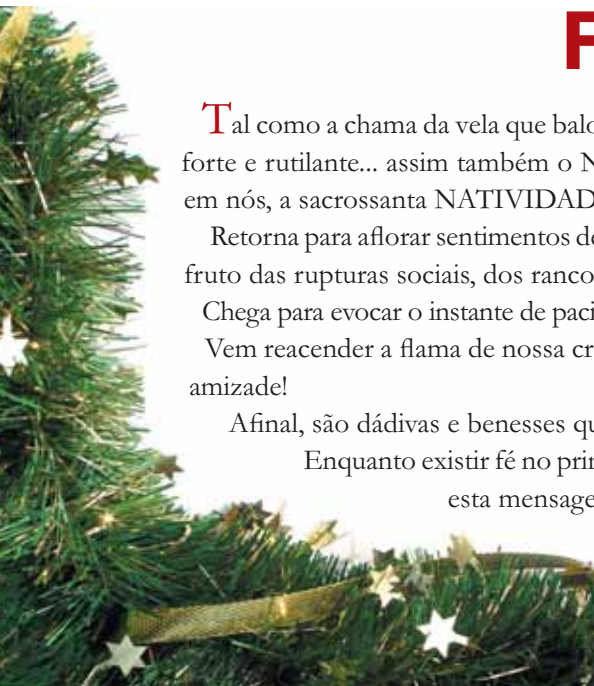
Enquanto existir fé no primado de Deus e esperanças na possível e pacífica convivência entre os povos, esta mensagem de NATAL estará sempre presente.

Que seu espírito resplandeça e perdure em todos os lares para sempre!

FELIZ NATAL! FELIZ ANO NOVO PARA TODOS!

Walter Argento

Poeta



DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.